



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

PATRIMÔNIO E IDENTIDADE NACIONAL: A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Akemi Beatriz Yamaguchi Carneiro Pinto
Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), Brasil
Endereço eletrônico: yamaguchiakemi03@gmail.com

Argemiro Ribeiro Souza Filho
Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), Brasil
Endereço eletrônico: arsouzafilho@gmail.com

INTRODUÇÃO

A preocupação com a preservação de uma história, cultura e memória de um povo tem adquirido densidade e importância cada vez mais evidentes, com isso, o termo patrimônio tem mudado ao longo dos tempos seu conceito e abrangência para obter êxito, juntamente com a criação de museus e órgãos para proteger esses bens, pois como disse Pierre Nora “[...] se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares [...]” (1993, p. 8).

No entanto, essa noção de patrimônio e memória já existia no Brasil desde o século XVIII, com apropriação inicial dessa terminologia, ainda que rudimentar, pela Coroa portuguesa, a qual construía monumento para marcar sua passagem e os acontecimentos, como forma de divulgar sua grandeza e poder (BARREIRO, 2012). Em 1862, com o intuito de enaltecer o Estado e nação brasileiros (1822), surgiu um órgão com o mesmo objetivo de um museu, mas em esfera regional, o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), o qual preservava a cultura e bens do povo daquela região (JUNIOR PEREIRA, 2018, p.5).

A partir destas percepções, visou analisar este contexto histórico entre período do século XIX e XX, verificando os precedentes do neocolonial, os quais apresentaram ser de grande importância para o fortalecimento não só da arquitetura nacional, mas como também expressa um movimento que vai além de questões estéticas e artísticas. Diante do exposto, pretende-se analisar a influência deste para a compreensão e formação da identidade brasileira bem como de um patrimônio arquitetônico cultural e artístico.

O Neocolonial foi uma experiência estética que ultrapassou as meras referências plásticas; configurou-se como valor ideológico e introduziu uma série de questões nas discussões referentes à política e à cultura, sendo a Arquitetura um dos meios de expressão da busca



pela construção de uma identidade nacional (CARVALHO, 2007, p. 168).

Já no final do século XIX, diante as repercussões dos ambientes modernos, tinha-se a “ideia de um patrimônio comum a um grupo social, definidor de sua identidade e enquanto tal merecedor de sua proteção” (SANTOS, 2001, p.43). Desta forma, para a preservação de uma história e construção de um acervo arquitetônico, o neocolonial “teve um papel importante ao procurar fazer, pela primeira vez (dentro do pensamento arquitetônico brasileiro), uma catalogação desse passado, levando vários jovens estudantes de arquitetura a partirem rumo a esse interior buscando referências” (GALVEZ, 2013, p.42). Assim, tem-se as primeira leis e propostas para a catalogação da arquitetura como forma de resgatar a história, a partir do estilo neocolonial que se baseava na “[...] readaptação de elementos constantes herdados do passado. Uma vez estudados, tais elementos estariam disponíveis para que o arquiteto trabalhasse feito um compositor de formas arquiteturais, sempre respeitando, porém, as imposições de seu tempo” (NATAL, 2013, p.69).

METODOLOGIA

Por meio de uma revisão bibliográfica crítica e exploratória, buscou-se analisar o patrimônio histórico/cultural e a formação da identidade nacional brasileira correlacionando-lhes com surgimento da arquitetura neocolonial, onde os precedentes desse novo estilo favoreceram para a percepção da importância dos registros e preservação da história. Assim, fez-se necessário sistematizações de alguns eventos ocorridos durante os séculos XIX e XX, estes propiciaram ambientes para uma nova abordagem e discussão da arquitetura nacional brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender a influência da arquitetura neocolonial, precisa-se observar os seus antecedentes e fatores que favorecem a sua formação, pois essa “surge” em período de turbulência onde, para alguns, essa arte estava perdendo a identidade nacional desde o século XIX com a Missão Artística Francesa e a Fundação da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), que trouxeram e inseriram outros estilos, os quais “[...] teriam impedido a evolução natural da arquitetura brasileira. A autêntica arquitetura, caldeada durante os três primeiros séculos da colônia, estaria, portanto, imersa no esquecimento”



(NATAL, 2013, p. 34). Além disso, a inserção de uma urbanística moderna no Brasil, começou a ser esboçada em princípios do século XX, mais precisamente nas primeiras reformas nas cidades brasileiras, as quais seguiam o modelo chamado de “haussmanniano”, por ter sido inspirada nas remodelações urbanas de Paris, pelo Barão Haussmann (1809-1891).

Importante cidades brasileiras passaram por essa reforma, destacando-se: o Rio de Janeiro – com as urbanizações conhecidas como “bota abaixo” feitas por Pereira Passos; São Paulo – com as grandes especulações imobiliárias, além do uso da arquitetura eclética, que era bem requisitada pela elite; e não tão distante as aberturas de vias mais amplas em Salvador. Esse momento vivido pelo Brasil é nomeado por José Mariano Filho como “problema arquitetônico nacional”. Assim, o “início da década de 1850 até o começo de 1890, teve por objetivo destruir a velha cidade medieval e erguer em seu lugar a cidade moderna” a qual só “seria alcançada se a arquitetura colonial cedesse” (NATAL, 2013, p.19-20).

Em meio às cidades modernas, onde via elevada as críticas a precariedade das construções coloniais, manifesta-se tratadistas como Ricardo Severo da Fonseca e Costa (1869-1940), o qual se auto definiu um ‘revolucionário tradicionalista’ – e sua campanha em prol da arquitetura convencional brasileira traz conferências com o tema *Arte Tradicional*, que tinha o objetivo de analisar os costumes, a origem e as manifestações de um povo (PINHEIRO, 2011, p.3-8). Para isso, o paulista Severo financia e encomenda expedições exploratórias (1914-1920) com intuito de um registro da arquitetura colonial, essas incursões deram origem aos trabalhos de Alfredo Norfini, Felisberto Ranzini e José Wash Rodrigues. Além do mais, o arquiteto paulistano viajou a várias regiões brasileiras e chegou a produzir um livro intitulado de *Documentário Arquitetônico*, o qual se tornara bem conhecido e utilizado pela academia regional. Outro expoente nos registros arquitetônicos fora Alexandre de Albuquerque, um professor de arquitetura da Escola Politécnica, em São Paulo, que realizou excursões nas cidades mineiras, a fim de registrar não apenas esboços e desenhos dos casarões, mas também os levantamentos métricos de alguns edifícios que julgavam de maior importância (PINHEIRO, 2006, p.6).

Nesse diapasão, tornava-se perceptível a necessidade da documentação e preservação de uma arquitetura, a qual foi “resultante de uma simbiose entre o meio



natural e o homem, gerando soluções arquitetônicas várias, de acordo com o ambiente” (PINHEIRO, 2011, p.8). Nesse contexto, compreende-se, portanto, que só poderia ser considerada como “tradicional” a arquitetura que passou por adaptações e reestruturação durante os séculos até alcançar “a forma correta em função de fundamentos mesológicos invariáveis e singulares” (NATAL, 2013, p.64). Cumpria-se, como bastante profícuo, procurar a origem tradicionalista no período colonial, onde alguns dos seus elementos seriam usados para o renascimento da identidade por meio da arquitetura neocolonial.

Nesse ambiente, no qual o Neocolonial havia se instalado, houve a negação de uma historicidade, onde iniciaram a percepção da importância e necessidade de proteção do patrimônio, a fim de resguardar a identidade brasileira. “As discussões surgidas em torno desse movimento levantaram reflexões acerca do acervo arquitetônico que o Brasil possuía e instigou à ‘redescoberta’ do mesmo” (CARVALHO, 2007, p. 46). Estas ideias de defesa ao patrimônio repercutiram e ganharam visibilidade em 1922 com a criação das Inspetorias Estaduais de Monumento Históricas; a qual cedeu o lugar, em 1936, para o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN (PEREIRA JUNIOR, 2018, p.5), e, atualmente, representada via Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

CONCLUSÕES

A arquitetura neocolonial está diretamente envolvida com a afirmação de uma identidade, pois, ao buscar as suas bases no passado, resgata a essência dos elementos coloniais, estilo o qual deve ser considerado genuinamente nacional, posto que adaptado ao clima e demais condições do ambiente brasileiro. E com o surgimento dessa “nova” arquitetura tornou-se possível o analisar do passado, de um patrimônio quase perdido, instigando o fortalecimento de uma proteção patrimonial e a criação de órgãos responsáveis na preservação da nossa história. Visto que cada povo tem sua história, arquitetura e a observação do passado é essencial à preservação destas para obter-se um sentimento de pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arquitetura Neocolonial; Identidade Nacional; Patrimônio Cultural; Patrimônio Arquitetônico.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

REFERÊNCIA

BARREIRO, J. C. Minas e a aclamação de D. João VI no limiar da formação do Estado-Nação brasileiro: memórias, conflitos e sedições. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 25, n. 50, p. 370–388, dez. 2012. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862012000200006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 17 out. 2018.

CARVALHO, Édis Evandro Teixeira de. **A arquitetura neocolonial: a arquitetura como afirmação de nacionalidade**. 2002. 202f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo com Ênfase em Conservação e Restauro) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12299?mode=full>. Acesso em: 07 set. 2018.

GALVEZ, Marcia Furriel Ramos. O Pavilhão de 1926. In: GALVEZ, Marcia Furriel Ramos. **Dois pavilhões em exposições internacionais do século XX: Ideias de uma Arquitetura Brasileira**. Rio de Janeiro, Brasil. Tese. Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro, 12 jun. 2013. cap. 3. p. 40- 77. Disponível em:

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=21750@1. Acesso em: 23 out. 2018. Doi: 10.17771/PUCRio.acad.21750

NATAL, Caion Meneguello. **Da casa de barro ao palácio de concreto: a invenção do patrimônio arquitetônico no Brasil (1914-1951)**. 2013. 445f. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280989>. Acesso em: 29 nov. 2018.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, dez 1993. In: _____. **Les lieux de mémoire**. I La République, Paris, Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII.

PEREIRA JUNIOR, Magno Vasconcelos. Patrimônio cultural e a institucionalização da memória coletiva no Brasil. **Biblio3W - Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales**, v. XXIII, n. 1.239, 2018, Universidade de Barcelona. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1239.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Origens da noção de preservação do patrimônio cultural no Brasil. **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, v. 0, n. 3, p. 4, 1 jan. 2006a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44654>. Acesso em: 10 out. 2018.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Ricardo Severo e o Neocolonial: Tradição e Modernidade no debate cultural dos anos 1920 no Brasil. **Intellèctus**, v. 10, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/27692/19876>. Acesso em: 13 out. 2018.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

cultural. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 15, n. 2, p. 43-48, abr. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2019. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200007>



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO